

artigo

Ferreira E.A.; Alves, H.V.; Pereira, A.V.; Rodrigues D.P.; Duarte M. R.; Araújo R.C.B.
Sexualidade na percepção de adolescentes estudantes da rede pública de ensino de Macapá

Sexualidade na percepção de adolescentes estudantes da rede pública de ensino de Macapá

RESUMO

Objetiva-se compreender a percepção de adolescentes acerca da sexualidade no espaço escolar. Estudo fenomenológico com foco na Teoria dos Valores, de Max Scheler, realizado com quarenta e seis adolescentes em três escolas públicas do município de Macapá, capital do Estado do Amapá. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas. Obteve-se a formação da seguinte categoria: A sexualidade como valor vital na percepção dos adolescentes, em que foram trabalhados estes aspectos: a sexualidade relacionada ao ato de gerar filhos e o desconhecimento dos adolescentes acerca da saúde sexual e reprodutiva. Torna-se relevante a aproximação entre profissionais da educação e da saúde para reverem as práticas pedagógicas ofertadas aos estudantes, para avaliar as metodologias aplicadas e buscar novas propostas que alcancem as informações necessárias para que os adolescentes conheçam seus direitos sexuais e reprodutivos e possam ampliar suas percepções sobre sexualidade, saúde sexual e saúde reprodutiva.

DESCRITORES: Sexualidade; Saúde Reprodutiva; Saúde Sexual.

ABSTRACT

The aim is to understand the perception of adolescents about sexuality in the school space. Phenomenological study focusing on Values, theory of Max Scheler, performed with 46 teenagers in three public schools of the city of Macapa, the capital of the State of Amapá in Brazil. Data collection occurred through interviews. It was obtained the following category: sexuality as a vital value on perception of teenagers, they were worked out these aspects: sexuality related to the Act of generating children and teenagers ' ignorance about sexual health and reproductive health. Becomes relevant to bringing professionals from education and health to review teaching practices offered to students, to evaluate the methodologies applied and seek out new proposals that reach the information necessary for the teenagers know their sexual and reproductive rights and can broaden your perceptions about sexuality, sexual health and reproductive health.

DESCRIPTORS: Sexuality; Reproductive Health; Sexual Health.

RESUMEN

El objetivo es conocer la percepción de los adolescentes sobre sexualidad en el espacio de la escuela. Estudio fenomenológico centrado en valores, teoría de Max Scheler, realizado con 46 adolescentes en tres escuelas públicas de la ciudad de Macapa, la capital del estado de Amapá, en Brasil. Recolección de datos se produjo a través de entrevistas. Se obtuvo la siguiente categoría: sexualidad como un valor fundamental en la percepción de los adolescentes, se elaboraron estos aspectos: sexualidad relacionados con el acto de generación de ignorancia de los niños y adolescentes sobre salud sexual y salud reproductiva. Se convierte en relevante para que profesionales de la educación y la salud para revisar las prácticas docentes ofrecidas a los estudiantes, para evaluar las metodologías aplicadas y buscar nuevas propuestas que lleguen a la información necesaria para la adolescentes conozcan sus derechos sexuales y reproductivos y pueden ampliar sus percepciones sobre sexualidad, salud sexual y salud reproductiva.

DESCRIPTORES: Sexualidad; Salud Reprodutiva; Salud Sexual.

Ediane de Andrade Ferreira

Enfermeira. Mestre em Saúde Materno-Infantil. Professora Assistente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). AP, Brasil.

Valdecyr Herdy Alves

Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor Titular do Departamento Materno-Infantil e Psiquiátrico da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense (EAAAC/UFF). Líder do Grupo de Pesquisa Maternidade, Saúde da Mulher e da Criança da EAAAC/UFF. RJ, Brasil.

Audrey Vidal Pereira

Enfermeiro. Doutor em Saúde Pública. Professor Adjunto da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense (EAAAC/UFF). RJ, Brasil.

Diego Pereira Rodrigues

Enfermeiro. Mestre em Enfermagem. Membro do Grupo de pesquisa Maternidade, Saúde da Mulher e da Criança da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense (EAAAC/UFF). Vice-Presidente da Associação Brasileira de Obstetras e Enfermeiros Obstetras do Estado do Rio de Janeiro. RJ, Brasil. Autor correspondente.

Micheliana Rodrigues Duarte

Enfermeira. Mestre em Saúde Materno-Infantil. Hospital da Mulher Heloneida Studart. RJ, Brasil.

Renata Corrêa Bezerra de Araújo

Enfermeira. Mestre em Saúde Materno-Infantil. Rede Cegonha Carioca. RJ, Brasil.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase que desperta interesse em diversos segmentos da sociedade, tendo em vista ser um processo de mudança anatômica, fisiológica, emocional e comportamental que interfere na formação da personalidade(1) e na qual, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), é estabelecida a vida entre 10 e 19 anos de idade. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), define que essa fase situa-se entre 12 e 18 anos incompletos(2).

Nesse período de transformações, ocorre, frequentemente, a experimentação da sexualidade que, em um conceito mais amplo, é a energia que está contida no ser humano, independente do sexo e da idade, a qual envolve práticas e desejos interligados a diferentes formas de sentir prazer e se satisfazer(3).

Assim, a sexualidade, condição de ter sexo e de ser sexuado, faz parte da natureza humana, estando presente em todas as fases da vida, inserindo-se aí a busca pelo afeto, pelo contato e pela intimidade, que se expressam na forma de sentir, no modo de se tocar e ser tocado. Ela sofre a influência do meio e do momento histórico nos quais as pessoas se inserem e são inseridas, implicam-se e são implicadas considerando-se, por exemplo, as relações de gênero, identidade, fantasias, crenças, valores e atitudes(4).

Neste período, a idade reprodutiva e as questões sexuais tornam-se mais evidentes e marcantes. Os indivíduos podem assumir comportamentos de risco sem estarem preparados para isto, e assim, contribuir para o aumento da suscetibilidade às infecções sexualmente transmissíveis (IST), ou mesmo



Crédito: Projetado por Freepik

para uma gravidez indesejada(5), visto que a sexualidade está cada vez mais precoce na vida dos adolescentes(6).

Desse modo, há uma necessidade de estratégias para fornecer as informações necessárias aos adolescentes a fim de garantir o seu conhecimento a respeito do assunto, pois o grupo em destaque é vulnerável e a escola surge como um espaço para esse processo educativo, com a ajuda dos professores e dos profissionais de saúde, ainda que nem sempre preparados para lidar com a saúde sexual e reprodutiva, em especial com a sexualidade, restringindo-se ao aspecto biológico da questão e, muitas vezes, desprezando os seus aspectos psicossocial e cultural(3).

Desse modo, objetivou-se compreender a percepção de adolescentes acerca da sexualidade no espaço escolar.

METODOLOGIA

Estudo de natureza qualitativa com abordagem fenomenológica e aporte na teoria dos valores(7), realizado em três escolas estaduais de ensino médio situadas no município de Macapá, Estado do Amapá, Brasil. A escolha dos locais ocorreu por meio de processo aleatório simples, obtendo-se uma escola por zona urbana, a saber: Escola Estadual Professora Sebastiana Lenir de Almeida (zona sul); Escola Estadual Professor Alexandre Vaz Tavares (zona central) e Escola Estadual Professora Maria Ivone de Menezes (zona norte).

Os participantes do estudo foram 46 estudantes que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: estar na faixa etária de 13 à 18 anos e matriculados regularmente na rede estadual de ensino; tendo como critério de exclusão os adolescentes com algum problema de ordem física, emocional ou

psicológica que comprometesse a sua participação. Os participantes foram identificados como 'adolescentes' e receberam um código alfanumérico sequencial (A1, A2, A46) para assegurar o sigilo e o anonimato do respectivo depoimento. Para concretizar a participação, todos os adolescentes assinaram o Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (TAILE), complementado com a autorização dos respectivos responsáveis e/ou representantes legais, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme dispõe a Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Os participantes que comprovaram ambas as assinaturas foram submetidos à entrevista semiestruturada sobre a sua percepção quanto à sexualidade. As entrevistas foram realizadas no período de agosto a dezembro de 2016 em ambiente reservado, visando garantir a privacidade do participante.

Os depoimentos foram coletados por meio de aparelho digital com o consentimento prévio dos participantes, transcritos na íntegra e submetidos à análise de conteúdo na modalidade temática(8). Foi utilizada a unidade de registro a partir da temática como estratégia de organização do conteúdo das entrevistas. A colorimetria permitiu identificar essas unidades e agrupá-las, possibilitando uma visão geral da temática, originando as seguintes unidades de registro: desenvolvimento do corpo humano; reprodução de filhos; cuidado com a saúde; prevenção com métodos contraceptivos e pouco conhecimento. Essas unidades fundamentaram a construção da unidade temática Saúde Reprodutiva: Construção de Conceitos, que originou a seguinte categoria temática: A sexualidade como valor vital na percepção dos adolescentes.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Antônio Pedro da Universidade Federal Fluminense (CEP/HUAP/UFF), sob protocolo n.º 1.349.794/2015.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sexualidade como valor vital na percepção dos adolescentes

Existem valores de primeira linha, os valores vitais, e os valores de segunda linha, os de utilidade, que só são vivenciáveis quando os primeiros estão presentes de alguma forma. Um valor útil, seja ele qual for, é um valor para uma essência vital, ou seja, útil; é qualquer valor que busca de forma ordenada a efetivação de um valor bom, afável aos sentidos e à vida.(7) Sendo assim, percebe-se que o valor vital é um valor para a vida, que abrange a vitalidade do ser humano, um valor para a manutenção da vida. E a partir deste, é possível elencar os elementos úteis estabelecendo essa visível relação do vital e do útil em nossas vidas.

Quanto à percepção dos adolescentes acerca de sexualidade e da saúde reprodutiva, ficou evidente a relação do conhecimento do valor vital, conforme depoimentos a seguir:

"Eu nunca busquei saber exatamente o que é, mas tenho que saber agora, tenho quase com 18 eu vou precisar saber, então eu vou buscar saber mais" [A2].

"É a nossa reprodução de corpo mesmo. Como a gente cresce, temos que saber sobre sexualidade isso é importante" [A17].

"Saúde reprodutiva, nunca ouvi falar. Acho que é um bem-estar para própria pessoa, é isso que eu acho, é necessário para a vida" [A20].

"Eu creio que seja como está nossa saúde para poder gerar outros seres, tenho que saber" [A32].

Nas escolas, a educação relacionada à sexualidade, geralmente, é realizada de forma assistemática e descontínua, com uma abordagem estritamente biológica, ignorando assim, os aspectos históricos, sociais e culturais envolvidos nesse processo em torno da construção de significados; ou então, discute-se a sexualidade a partir da ameaça - utilizar a camisinha para a prevenção da gravidez(9). A educação da sexualidade,

estando estritamente ligada aos fatores biológicos da sexualidade, traz à tona o fato de que o preservativo é uma valor de utilidade, favorecendo a garantia de sua qualidade de vida e bem-estar, por meio do seu valor vital, mas que ignora outros aspectos da construção da sexualidade do adolescente(7). Os depoimentos mostram a necessidade de romper esses paradigmas e fortalecer o conhecimento da sexualidade pelos adolescentes, valorando os aspectos históricos, sociais e culturais.

Assim, as ações de educação sexual podem ser oferecidas em âmbito do conhecimento aos adolescentes, transcendendo o fator biológico. É preciso mencionar que o modelo de educação formal oferecido nas instituições escolares é devidamente organizado e estruturado em relação ao seu material pedagógico, formação de seus educadores e currículo (grade curricular ou disciplinar), com o intuito de que sejam contemplados todos os conteúdos significativos (do ponto de vista de quem formula a proposta) na área(10). Os aspectos de gênero e reprodução precisam ser reconhecidos como valor vital quando se aborda a sexualidade, entendendo que a mesma vai além do aspecto biológico. Sua abordagem deve ser multidimensional, enfocando os aspectos culturais e sociais dos adolescentes, assim promovendo a sua percepção com respeito aos diferentes conceitos sobre os modos de vida e da saúde sexual e reprodutiva.

Esse pensamento demonstra que, na nossa cultura, a sexualidade tem sido associada exclusivamente ao sexo com significado de ato sexual(11). Apesar de muitas pessoas confundirem os conceitos de sexualidade e sexo, propriamente dito, a sexualidade não se restringe às práticas sexuais. O sexo é apenas um dos aspectos da sexualidade(11). O fato da utilização de preservativos masculino e feminino para a prevenção da gravidez e das IST, configurando um valor de utilidade, visa a qualidade de vida dos adolescentes, instituindo o valor vital(7).

Outro aspecto é a percepção da sexualidade como ato de gerar filhos, torna evidente questões vinculadas ao ato sexual e à gravidez, revelando falta de conhecimento sobre a sexualidade, o que lhe dá um valor

negativo, pois ela vale como um bem vital para a vida, pois traz o bem-estar. Os depoimentos a seguir confirmam o que foi dito:

"Sexualidade, seria a gravidez, é isso? É ter filhos com saúde eu acho" [A15].

"Nunca ouvi o termo sexualidade, eu acho que é se cuidar, através da relação sexual, talvez isso" [A26].

"É um ato de duas pessoas que vão fazer gerar um filho, e acho complicado ter filho agora" [A30].

"Sexualidade, já ouvi falar, mas não sei detalhes. Seria para saber sobre como iria ter o bebê, que para nós" [A40].

A OMS define a sexualidade como uma energia motivadora para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; integra-se no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ser-se sexual(11). A sexualidade ultrapassa os aspectos biológicos e reprodutivos e por ser parte integrante da personalidade, envolve todo o comportamento do indivíduo e expressa-se numa diversidade grande de manifestações, tais como: carícias, beijos, abraços, olhares, sentimentos, afetos, fantasias, desejos, sonhos e prazer. A sexualidade se manifesta, então, a todo o momento, em todo e qualquer espaço em que o sujeito está inserido(11), sejam meninos e meninas, homens e mulheres, e não simplesmente na ordem biológica do sexo e da gravidez. O grupo acompanhado demonstrou claramente que seus conhecimentos ainda permanecem restritos ao ato sexual, à sua prática e à idéia de que as consequências do ato praticado serão negativas e trarão consequências ruins. Nesse sentido, os depoimentos dos adolescentes demonstram um valor negativo, mostrando os aspectos da sexualidade como ato puramente biológico, pois quando o depoente descreve que sexualidade é ter a relação sexual, é ter filho, o valor vital do bem estar é considerado, perdendo os valores afetivos que

a ele estão correlacionados, como descrito pela OMS(7).

Percebe-se nos depoimentos que o ato sexual desprotegido pode gerar um filho, independentemente de contrair IST, e ainda causar risco de vida para as meninas. Assim, na concepção dos adolescentes, em especial dos meninos, os danos sobrecam nas meninas, sobressaindo o valor vital, como citado nos depoimentos, com uma preocupação pela saúde da adolescente grávida:

"No sentido de gravidez, quando uma adolescente engravida, precisa de cuidados médicos e um acompanhamento para que não afete uma vida que está dentro dela" [A22].

"Porque têm vários casos de meninas que não planejam uma gravidez jovem, e acabam indo para o hospital, acabam morrendo, ficando mal" [A42].

Discutida por esse viés, a sexualidade parece ser responsável por agravo, morte e violência(12). Isto se dá porque a desinformação dos adolescentes e o início precoce da atividade sexual sem proteção contraceptiva têm como consequência o crescimento dos índices de gravidez na adolescência, de abortos que deixam sequelas psicológicas, além das IST(13). Desse modo, o sentido da sexualidade revela-se como um processo com obstáculos, principalmente quanto à proteção segura para uma relação saudável, visto que o valor vital está relacionado com a vida e evidencia que a sexualidade do adolescente, que culmina com uma gravidez, permite à menina passar por riscos e, nesse sentido, os valores da vida humana estão presentes na construção dos seus valores instituídos(7).

Contudo, a maternidade, por sua vez, constitui-se em período de transformações para a vida adulta, quando a jovem passa a assumir um papel significativo, advindo de mudanças e readaptações para estabelecer novas responsabilidades. Não é apenas uma questão de mudanças físicas, mas também

de uma transformação relativa à vida social, que deve ser analisada e compreendida, pois implica em novos projetos no cotidiano de vida destas adolescentes(14). Nesse sentido, a cultura sexista e a visibilização do gênero feminino como o mais exposto e cobrado socialmente pela prática sexual na adolescência, ainda perpetuam na sociedade brasileira. A desinformação sobre os amplos aspectos da sexualidade ainda repercute negativamente na adolescência, principalmente no que tange ao cunho biológico da relação sexual, porque a falta de proteção favorece agravos à saúde das meninas, além das gestações não compreendidas e, na maioria das vezes, não planejadas.

A dificuldade em conceituar a sexualidade ficou evidente nos depoimentos dos adolescentes, por uma carência de informação, trazendo um contravalor do conhecimento da verdade, como nos exemplos a seguir:

"Já ouvi falar. Mas me esqueci agora. Reprodução? Fugiu agora. [A14].

"Eu não sei responder" [A24].

"Não entendo muita coisa não, não entendo" [A28].

O "silêncio" que envolve o tema, a recusa de informações, a manutenção do desconhecimento e as proibições repetidamente enfatizadas, podem se refletir na vida profissional, na assexualização do cuidado, na impessoalidade das relações, na ausência de diálogo, nas emoções e sentimentos contidos para não denotar o constrangimento ao lidar com o corpo sexuado do outro, entre outras questões que podem vir à tona no momento do cuidado(15). Torna-se importante avaliar a prática docente e, principalmente, a dos profissionais de saúde que também atuam junto aos adolescentes no ambiente escolar, pois, considerando a percepção apresentada pelos alunos, percebe-se que as informações que chegam até eles, seguem ou mantêm o mesmo padrão biologicista, de riscos e adocimentos que ainda se perpetuam na sociedade. A formação e atualização dos profissionais da educação

artigo

Ferreira E.A.; Alves, H.V.; Pereira, A.V.; Rodrigues D.P.; Duarte M. R.; Araújo R.C.B.
Sexualidade na percepção de adolescentes estudantes da rede pública de ensino de Macapá

e da saúde, o cumprimento das pactuações estabelecidas para a abordagem de temas transversais nas escolas, em parceria com as equipes de saúde da família do Programa Saúde na Escola, bem como a avaliação do impacto dessas ações ou práticas educativas propostas para o grupo de adolescentes, precisam ser revistas para que seja possível, a partir de um processo avaliativo, perceber o que está dando certo e o que precisa ser melhorado.

Desse modo, a carência de informações mostra-se como contravalor em relação à sexualidade na adolescência, visto que o valor do conhecimento da verdade está re-

lacionado ao aspecto do conhecimento da pessoa.

CONCLUSÃO

A abordagem sobre sexualidade propriamente, não foi identificada como tema regular oferecido com linguagem clara, intersetorial e multidisciplinar, mas ainda repassada de forma tradicional, considerando a dificuldade dos alunos em responder às perguntas da pesquisa. Infere-se que para focar temas como sexualidade, além de saúde sexual e saúde reprodutiva, é necessário falar dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos, visto que a ausência

apropriada dessa abordagem resulta em respostas vagas ou mesmo equivocadas dos alunos, tornando-se necessário, portanto, adotar estratégias para o conhecimento dos adolescentes acerca do assunto, para que haja o entendimento não somente do fator biológico em relação ao ato sexual e à gravidez, mas, sobretudo, dos aspectos psicológicos, sociais e culturais que permeiam essa questão. Promover uma aproximação entre saúde e educação no intuito de avaliar seus planos de ação e sua repercussão social na vida dos adolescentes, pode também ser uma estratégia que apoiará a política de saúde sexual e reprodutiva brasileira ■

REFERÊNCIAS

1. Almeida TG, Vasconcelos EL, Trindade RFC, Comssetto I, Ferreira AS, Lopes RF. Validação de material educativo como ferramenta pedagógica sobre métodos contraceptivos para adolescentes. *J nurs UFPE online* [Internet]. 2016 [citado 2018 mai 12]; 10(12):4696-700. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/11541/13449>.
2. Senna SRCM, Dessen MA. Reflexões sobre a saúde do adolescente brasileiro. *Psic. saúde & doenças* [Internet]. 2015 [citado 2018 mai 12]; 16(2):217-29. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36242128008>.
3. Lins LS, Silva LAM, Santos RG, Moraes TBD, Beltrão TA, Castro JFL. Análise do comportamento sexual de adolescentes. *Rev bras promoç saúde* [Internet]. 2017 [citado 2018 mai 12]; 30(1):47-56. Disponível em: <http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/5760/pdf>.
4. Souza V, Pimenta AM, Caetano LC, Cardoso JSR, Beininger MA, Villela LCM. Conhecimentos, vivências e crenças no campo sexual: um estudo com alunos do ensino médio com perfis socioeconômicos diferenciados. *REME rev min enferm* [Internet]. 2017 [citado 2018 mai 12]; 21:11-11. Disponível em: <http://www.reme.org.br/sumario/99>.
5. Queiroz AAFLN, Sousa AFL, Feitosa JJM, Alves RC, Nery IS, Moura MEB. Educação sexual para adolescentes por docentes de um centro de educação comunitária. *Rev fund care* [Internet]. 2016 [citado 2018 mai 12]; 8(4):5120-5. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4953/pdf_1.
6. Veloso DLC, Peres VC, Lopes JSOC, Salge AKM, Guimarães JV. Anticoncepção de emergência: conhecimento e atitude de acadêmicos de enfermagem. *Rev gaúcha enferm* [Internet]. 2014 [citado 2018 mai 12]; 35(2):33-9. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/41561/29914>.
7. Scheler M. *Da reviravolta dos valores*. 2. ed. Petrópolis: Vozes; 2012.
8. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA; 2011.
9. Barros SC, Ribeiro PRC. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? *Rev. Electrô ensin cienc* [Internet]. 2012 [citado 2018 mai 12]; 11(1):164-8. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen11/REEC_11_1_9_ex570.pdf.
10. Marola CAG, Sanches CSM, Cardoso LM. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicol educ* [Internet]. 2011 [citado 2018 mai 12]; 33(2):95-118. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n33/n33a06.pdf>.
11. Gonçalves RC, Faleiro JH, Malafaia G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *HOLOS* [Internet]. 2013 [citado 2018 mai 12]; 29(5):251-63. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784/741>.
12. Costa DO. Educação para a sexualidade, igualdade das relações de gênero e diversidade sexual: possibilidades e limites. *Rev saberes docentes em ação* [Internet]. 2016 [citado 2018 mai 12]; 2(1):131-46. Disponível em: <http://www.maceio.al.gov.br/wp-content/uploads/lucasragucci/pdf/2016/11/10-EDUCA%C3%87%C3%830-PARA-A-SEXUALIDADE-IGUALDADE-DAS-RELA%C3%87%C3%95ES-DE-G%C3%8ANERO-E-DIVERSIDADE-SEXUAL-POSSIBILIDADES-E-LIMITES.pdf>.
13. Secretaria do Estado de São Paulo (São Paulo). *Panorama da contracepção de emergência no Brasil*. São Paulo, Instituto de Saúde; 2016.
14. Santos CC, Wilhelm LA, Alves CN, Cremonese L, Castiglioni CM, Venturini L, et al. A vivência da gravidez na adolescência no âmbito familiar e social. *Rev enferm UFSM* [Internet]. 2014 [citado 2018 mai 12]; 4(1):105-12. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/9860/pdf>.
15. Sehnem GD, Ressel LB, Junges CF, Silva FM, Barreto CN. *A sexualidade na formação acadêmica do enfermeiro*. Esc anna nery [Internet]. 2013 [citado 2018 mai 12]; 17(1):90-96. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v17n1/13.pdf>.